



FILIFE BARRETO PEREIRA DAS CHAGAS

**O PODER DE MANIPULAÇÃO DA MÍDIA NO
GOVERNO DE SILVIO BERLUSCONI**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Brasília
2006

FILIPPE BARRETO PEREIRA DAS CHAGAS

**O PODER DE MANIPULAÇÃO DA MÍDIA NO
GOVERNO DE SILVIO BERLUSCONI**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Raquel Boing Marinucci
(Orientadora)

Profa. Juliana Melo Gonçalves
(Membro)

Prof. Marcelo Gonçalves do Valle
(Membro)

Brasília
2006

*De todas as formas de “persuasão clandestina”, a
mais implacável de todas é a que se faz exercer
simplesmente pela ordem das coisas.*

Pierre Bourdieu

Dedico esta monografia aos meus pais e a minha namorada, que me incentivaram a finalizar este trabalho e a concluir este curso.

A todos os meus amigos que ajudaram na realização deste trabalho.

Agradeço:

A Deus pela vida, aos meus pais (Marcial e Osana) pelo exemplo de vida, a minha jóia mais preciosa (Aline) pelo amor e paciência, as minhas lindas irmãs (Thaís e Giovanna) pelo carinho e alegria. Eu amo vocês.

Aos meus amigos e amigas que sempre me incentivaram (Luiz, Daniel, João, Warlen, Wellington, Edna Mara, Paula, Jaqueline, Tatiana). Obrigado pela amizade verdadeira.

A todos aqueles que contribuíram para minha formação acadêmica.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1. A DEMOCRACIA, A MÍDIA E A OPINIÃO PÚBLICA.....	3
1.1 A democracia.....	3
1.2 A mídia.....	8
1.3 A opinião pública.....	11
2. O SISTEMA POLÍTICO ITALIANO, A CONCENTRAÇÃO DE PROPRIEDADE E A BIOGRAFIA DE SILVIO BERLUSCONI.....	15
2.1 O sistema político italiano.....	15
2.2 A concentração de propriedade	18
2.3 A biografia de Silvio Berlusconi.....	20
3. SILVIO BERLUSCONI: A POLÍTICA ITALIANA E SEU IMPÉRIO MIDIÁTICO..	23
3.1 A política teatral.....	23
3.2 O enfraquecimento da tradição partidária italiana.....	25
3.3 A personalização política italiana.....	27
3.4 O conflito de interesses.....	29
3.5 Berlusconi e a comunidade internacional.....	33
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

RESUMO

O estudo desta monografia se baseia no regime democrático italiano. Primeiramente, a democracia é apresentada como um elo forte entre o Estado e o cidadão. Logo após, vê-se a mídia como agente influenciador da opinião pública, especialmente através da televisão. O passo seguinte do trabalho é focado na política italiana regida pelo parlamentarismo. Em virtude da crescente liberalização econômica surgem monopólios nos mais diversos setores, inclusive na mídia. Para que se entenda a concentração de propriedade existente nos meios de comunicação, é utilizado o caso de Silvio Berlusconi, magnata dos veículos midiáticos na Itália, que graças a seu império elegeu-se primeiro-ministro italiano, fato que constitui uma barreira ao bom funcionamento de um regime democrático. Com base nas questões acima, procura-se definir até que ponto pode ocorrer um conflito de interesses entre o ordenamento público e o privado (tendo em vista que uma mesma pessoa domina o capital gerado em ambos os setores) e até onde vai a perda de credibilidade em um governo nacional. É critério para avaliação dos temas desenvolvidos ao longo da monografia a maneira como a Itália ocupa espaço nas manchetes dos canais informativos e no pensamento da comunidade internacional.

Palavras-chave: democracia, mídia, política, Silvio Berlusconi, Itália, conflito de interesses.

INTRODUÇÃO

As formas de governo sempre atraíram a atenção de inúmeros teóricos, sempre foram objeto de desejo dos estudiosos. Desejo que nasce da vontade em poder compreender uma ciência não exata, onde os resultados da interatividade entre as nações são os mais remotos possíveis.

Toda essa imprevisibilidade presente no cenário internacional é fruto da maneira como tanto os agentes estatais quanto os não estatais possuem capacidade de influenciar as tomadas de decisões cabíveis a um governo. Múltiplos fatores podem determinar uma ação a ser realizada, até mesmo uma corrente de pensamento a ser seguida, mas o objeto de estudo nesta monografia será a mídia.

Escolha feita por sua forma atual de se relacionar com a política, onde é parte essencial na formulação de programas governamentais a serem colocados em prática, não importando a área de atuação (educação, saúde, economia, saneamento básico, etc.).

Isto é resultado de um setor que a cada dia obtém mais espaço na vida social de um povo, que busca moldar a mente das pessoas sempre que lhe é permitido, pois é proveniente dele as informações que chegam a nós. Notícias deturpadas em diversas ocasiões para a formação de uma opinião pública voltada para a aceitação de algum interesse particular, não do bem-estar coletivo. Ainda mais quando vivemos em uma sociedade controlada por uma classe social dominante que só procura aumentar seus próprios benefícios.

Com as classes dominantes no poder e um sistema capitalista mundial propício à liberalização econômica, surge a concentração de propriedade. Concentração que será de grande importância para o entendimento de nosso trabalho, pois é por meio

da concentração de propriedade que Silvio Berlusconi entra de maneira súbita no cenário político. Ele por ser dono de um império midiático na Itália faz bom uso dele e passa a ocupar o cargo de primeiro-ministro italiano, seu processo de eleição será mostrado com maior clareza nos capítulos adiante.

O objetivo do presente trabalho é poder entender essa relação íntima da mídia com a política dentro de um regime democrático. Por isso estudaremos os princípios instituidores de uma democracia. Veremos como a mídia procura influenciar as idéias das pessoas, ou seja, as opiniões públicas. No segundo capítulo encontraremos a formação do sistema político italiano juntamente com a questão da concentração de propriedade e uma rápida e sucinta biografia de Berlusconi.

A partir daí focaremos em sua pessoa (ou personagem) e na forma como ele utiliza seu capital econômico a favor de seus interesses particulares contrastados com o interesse público visto que a partir de determinado momento ele ocupa uma função pública em seu país, a de primeiro-ministro. Com sua chegada ao poder identificamos mudanças categóricas na estrutura política da Itália, inclusive muito debatidas e preocupantes até mesmo no cenário internacional.

As perguntas que fazemos em razão da situação vista acima são as seguintes: se a democracia tem alguns de seus princípios intrínsecos na liberdade de expressão e nas fontes alternativas e independentes de informações, como uma democracia sobreviverá em uma sociedade onde apenas um homem controla todos os meios de comunicação em massa? Será que o interesse público (Berlusconi chefe de governo) poderá caminhar lado a lado com o interesse privado (Berlusconi empresário)? Será que a democracia nesse molde não seria apenas uma farsa? Ao final do texto buscaremos a obtenção de respostas aos questionamentos propostos.

1. A DEMOCRACIA, A MÍDIA E A OPINIÃO PÚBLICA

Durante o transcorrer dos séculos, uma das questões mais estudadas foi as formas de governo. De acordo com Norberto Bobbio, existem

três formas de governo que poderíamos denominar de clássicas – não só porque foram transmitidas pelos autores clássicos, mas também porque se tornaram categorias da reflexão política de todos os tempos (razão por que são clássicas, mas igualmente modernas). Essas três formas são: o governo de muitos, de poucos e de um só, ou seja, democracia, aristocracia e monarquia.¹

A forma clássica de governo que será estudada mais a fundo aqui é o governo democrático que, de certo modo, é bastante propício para o desenvolvimento dos meios de comunicação em massa e também é aquele que rege o sistema político italiano que mais à frente será de grande importância para o desenrolar do presente trabalho. E tanto a inserção da mídia no processo político acima citado quanto a participação da opinião pública nesse contexto serão mais adiante observadas.

1.1 A democracia

“A democracia, no sentido etimológico da palavra, significa o ‘governo do povo’, o ‘governo da maioria’.”² Ela foi e é objeto de estudo e análise constante dos mais variados e renomados estudiosos do pensamento político, sendo que diversos autores clássicos se dedicaram à escrita de obras referentes a tal assunto. Só para fazer menção a alguns deles vale citar os nomes de Aristóteles, Tocqueville, Rousseau e Stuart Mill.

¹ BOBBIO, Norberto. *A Teoria das Formas de Governo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980, p. 31.

² ROSENFELD, Denis L. *O que é democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 7.

A democracia deve ser entendida como a forma de governo que busca estabelecer um elo de interdependência entre o Estado e o cidadão, onde ambos possam exigir o cumprimento de normas e liberdades, direitos e deveres.

Para assegurar os direitos, os deveres e as responsabilidades dos cidadãos e do Estado institui-se um poder constituinte, onde esta Constituição irá, através da lei, estabelecer uma ligação entre os indivíduos. Uma Constituição forte é de suma importância para o andamento da democracia, ela deverá reger toda a vida política da nação. Espera-se, com isso, que a Constituinte e sua formação normativa esteja destinada a ser passada de geração à geração, proporcionando uma harmonia duradoura entre os sistemas organizacionais do Estado e seus cidadãos.

Um forte defensor dessa característica da democracia é Norberto Bobbio, que escreve em uma de suas obras:

Augurando o advento de um regime democrático, fazemos votos para que seja constituído um sistema político em que, ao contrário, as instituições sejam tão duradouras e de difícil revogação quanto forem substituíveis e mutáveis os indivíduos; um sistema político em que um decreto ordinário seja suficiente para destituir um homem de governo que realizou mal o seu trabalho, mas que, para mudar uma instituição, ocorra, não digo uma guerra mundial ou uma revolução, mas uma reviravolta completa da situação política do país.³

Tudo isso serve para uma garantia de uma aproximação entre o indivíduo e o Estado, fazendo com que haja a participação direta dos homens na administração pública, como por exemplo, em escolas, empresas, etc. Garantia essa também que dará uma segurança e um limite para a população buscar usufruir dos seus direitos públicos e privados, tais como o direito ao bem estar material, a livre participação nos assuntos públicos, o direito a não publicidade do que é privado, etc.

Em síntese ao que foi relacionado anteriormente, podemos usar a seguinte afirmação de Rosenfield:

³ BOBBIO, Norberto. *Entre duas Repúblicas – Às origens da democracia italiana*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, p. 33.

A democracia caracteriza-se, assim, por esta dupla determinação: governo da maioria e governo das leis. Trata-se de dois lados do mesmo conceito, o primeiro indicando o ato político de instituição de uma nova forma de governo e o segundo o processo de consolidação das novas instituições que se despegam do tempo visando unir a sociedade segundo novos princípios.⁴

A democracia é formada por dois princípios básicos: o da “igualdade” e o da “visibilidade”. Por visibilidade entende-se a necessidade de transparência na gestão pública, porque a ação política se tornará duvidosa a partir do momento em que o discurso político for apresentado de uma maneira falsa e enganadora.

A cena democrática é um lugar de *visibilidade*, um lugar em que os cidadãos ou os seus representantes apresentam soluções setoriais ou gerais para os mais diversos problemas da sociedade. A invisibilidade do processo de decisão política seria todo o contrário de um procedimento democrático.⁵

Bobbio ainda afirma “a democracia necessita de clareza como o homem necessita do ar para respirar.”⁶

Apesar de umas das bases do regime democrático estar fundamentada no direito à igualdade, o que pode ser visto na maioria das situações é o contrário. Na teoria, seria a democracia baseada no valor da igualdade, igualdade esta de direitos e de oportunidades, de acordo com a plena liberdade de cada um. Mas é justamente por essa liberdade que surgem as desigualdades nas esferas do trabalho e da sociedade em geral, já que cada pessoa lutará por seus objetivos de uma maneira distinta, lembrando que o ponto de partida para tal conquista varia de um caso para outro (uns foram, são, estão mais capacitados do que outros, sendo que isto foi ou é ocasionado por diferentes fatores: condição social, oportunidades surgidas e conseqüentemente aproveitadas, dedicação aos estudos, etc). Rosenfield aborda essa questão de forma bastante esclarecedora:

⁴ ROSENFELD, Denis L. *op. cit.*, p. 38.

⁵ *Ibid.*, p. 54.

⁶ BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, 2001, p. 20.

A igualdade, politicamente enunciada, significa a igualdade dos cidadãos, iguais no seu direito de organizarem-se autonomamente nas esferas do trabalho e da sociedade em geral. Isto quer dizer que a igualdade vem a ser um conceito político e jurídico sem contudo tornar-se propriamente um conceito social, pois o fato da gestão dos negócios privados não obedece a uma lógica estritamente igualitária. O homem moderno, na sua vida privada e social, cria situações desiguais, do mesmo modo que as relações sociais e econômicas determinam-se constantemente segundo um processo de diferenciação que, em vez de igualar os indivíduos, os torna desiguais.⁷

A partir do momento em que a desigualdade aflora, que a diferenciação se faz presente na sociedade, os políticos passam a usar a situação precária de uma quantia da população em benefício próprio. Essa parte menos favorecida do povo será mais suscetível de controle, visto que é mais necessitada da ajuda vinda do governo, conseqüentemente vemos então uma forte situação de manipulação entre governante e governado. O governante utiliza de programas de governo para a solução dos problemas como se fossem políticas particulares e não públicas (fazendo parecer que o dinheiro investido na melhoria de vida de seu povo está saindo do seu bolso, o que não é a realidade), sendo que é de responsabilidade do Estado prover as coisas necessárias para uma vida digna de seus cidadãos. Sendo assim, o cidadão associa a ajuda recebida a figura do governante responsável pelo fornecimento da ajuda, criando assim um vínculo de dependência. Dependência no sentido de que se pode pensar que a não reeleição do governante ocasionará a perda dos benefícios conquistados. Isso é visto de forma clara na época de eleições na relação candidato/eleitor, ou seja,

[...] a política é, antes de tudo, uma luta simbólica na qual cada ator político procura monopolizar a palavra pública ou, pelo menos, fazer triunfar sua visão do mundo e impô-la como visão correta ou verdadeira ao maior número possível daqueles que são, econômica e, sobretudo, culturalmente, desfavorecidos.⁸

É por estas e outras características (apesar dos problemas observados acima) que o regime democrático é preferível em detrimento de outras formas de governo e é adotado de forma significativa pelos mais variados países do mundo

⁷ ROSENFELD, Denis L. *op. cit.*, p. 57.

⁸ CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a Opinião – O novo jogo político*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 23-24.

(mesmo a forma de democracia mudando de um local para outro). Veremos então a análise de Bobbio acerca da democracia italiana, vale salientar que ele viveu sobre a imposição de um regime totalitário na Itália da primeira metade do século passado (o Fascismo). Portanto, sua visão sobre as formas de governo possui não só embasamento teórico, mas também empírico. Bobbio, após enfrentar lutas para readquirir os direitos que lhe foram retirados pelo Estado Totalitário italiano de Mussolini afirma que

a democracia não pode ser mais uma formalidade: deve ser uma realidade; não pode ser mais um simples instrumento de governo: deve ser a finalidade da luta política. De resto, se houve tão árduo empenho, se tantos sacrifícios foram feitos até aqui, é claro que a democracia é, hoje, almejada como uma nova realidade, sentida como um valor, um princípio.⁹

Fatores de suma importância para a democracia e que merecem atenção especial são: a livre expressão e a existência de fontes alternativas e independentes de informação. Todos os cidadãos têm o direito de expressar suas opiniões, para que assim possam participar de forma efetiva da vida política. É através da liberdade de expressão que eles exercerão a capacidade de moldar em certo grau as decisões do governo. Dahl escreve que: “para adquirir a competência cívica, os cidadãos precisam de oportunidades para expressar seus pontos de vista, aprender uns com os outros, discutir e deliberar, ler, escutar e questionar especialistas, candidatos políticos e pessoas em cujas opiniões confiem”.¹⁰

Entretanto para que haja uma liberdade de expressão legítima são necessárias fontes alternativas e independentes de informações livres do controle estatal ou do monopólio de um único grupo. Para a formação de uma opinião consciente da realidade é preciso uma visão periférica dos acontecimentos, onde o cidadão utilize de diversos canais informacionais para elaborar sua maneira de pensar. Somente deste

⁹ BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, 2001, p. 36.

¹⁰ DAHL, Robert A. *Sobre a Democracia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, p. 110.

modo os cidadãos estarão aptos a conseguirem as informações que precisam para entender as questões que direcionam o seu dia-a-dia. Sendo assim, tal entendimento seria impossível se a informação fosse proporcionada apenas por uma fonte, por exemplo, se o governo controlasse todas as fontes importantes de informação.

1.2 A mídia

A mídia será abordada neste trecho da monografia como agente transformador da sociedade contemporânea, principalmente na relação estabelecida entre a política e os meios de comunicação (jornais, revistas, rádio, televisão, internet, entre outros), relação esta cada vez mais estreita e dependente. A forte influência da mídia em nosso cotidiano é nítida e irrefutável, mas inexplicavelmente esse é um assunto de certa forma “marginalizado” pelos intelectuais que tratam do tema democracia.

Mas aqueles que se dispõem a estudá-lo possuem ampla visão de como a mídia pode guiar e guiar os debates políticos, a forma como organizamos a nossa vida cotidiana, como ela dirige as questões relativas à opinião pública, etc. Tanto é verdade que Manuel Castells diz o seguinte, “[...] o consumo de mídia é, nas sociedades urbanas, uma das duas maiores categorias de atividade, atrás apenas do trabalho”.¹¹

Por mídia entende-se que este termo vem do latim *media*, plural de *medium*, que significa “meio” e que o mesmo chegou ao português através da língua inglesa. Dizer “a mídia”, portanto, equivale a dizer “os meios de comunicação em

¹¹ CASTELLS, Manuel apud MIGUEL, Luis Felipe. Um Ponto Cego nas Teorias da Democracia: Os Meios de Comunicação. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, nº 49, pp.51-77, 1º semestre de 2000.

massa”. Outra característica definidora da mídia, é que ela é um conjunto de meios que veiculam informações.¹²

Um ponto de destaque relacionado à mídia é o seu crescimento de forma cada vez mais acelerado, onde as notícias são relatadas quase de forma simultânea ou até mesmo muitas vezes simultânea, não importando onde o fato tenha tomado lugar. Ou seja, a velocidade das transformações da informação juntamente com o advento da globalização, compactua para que haja o rompimento das barreiras físicas entre os países. Mas com o crescimento significativo da quantidade de informações à mercê do homem, muitos dados foram perdendo credibilidade (passou a existir certa dúvida em relação à veracidade e a forma como são retratados os fatos por algumas organizações políticas e sociais).

Através da enorme abrangência da mídia em múltiplos setores da nossa sociedade, iremos agora nos questionar qual a real relação de existência entre os meios de comunicação em massa e o cenário político atual. A verdade é que a mídia nos últimos tempos se tornou um ator relevante do jogo político (entenda-se isso como um jogo de adesão, investimento – “commitment” – para que os envolvidos não se vejam excluídos do jogo e dos ganhos que nele se adquirem).¹³

Para o professor Antonio Albino Canelas Rubim, a relação entre contemporaneidade, mídia e política, é definida da seguinte maneira:

[...] os meios de comunicação não apenas funcionam difundindo o discurso político, mas o transformam. E ao transformá-lo, afetam as modalidades mesmas de realização da política, que acontece agora em uma sociabilidade ambientada pela comunicação, na qual a mídia opera em uma dimensão de centralidade, seja para transformar os discursos políticos, seja para configurar o mundo e as representações de mundo em que vivem os atores políticos.¹⁴

¹² MIGUEL, Luis Felipe. Mídia e Opinião Pública. In: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio (org.). *Sistema Político Brasileiro: uma introdução*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer Stiftung e São Paulo: UNESP, 2004, pp. 331-341.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989, pp. 172-173.

¹⁴ RUBIM, Antonio Albino Canelas apud MIGUEL, Luis Felipe. *Política e mídia no Brasil: episódios da história recente*. Brasília: Plano, 2002, p. 9.

A citação acima mostra que além de transmitir a “realidade” política de uma nação, os meios de comunicação exercem o poder de decidir em muitas ocasiões os temas em pauta, aqueles que serão motivo de discussão entre os mais variados setores de uma sociedade. Tal característica é possível justamente por meio da popularização dos veículos comunicadores, que fazem com que os atores políticos tenham que prestar contas de suas atitudes ao povo, mesmo que quase sempre de forma tímida. Estabelece-se assim uma relação mais estreita entre o cidadão e seus representantes.

Esclarecida a forma como os meios de comunicação se relacionam com a política, falta ser melhor explanado esse efeito transformador resultante da mídia. Lembrando que há maior destaque para a influência derivada da televisão. Miguel afirma assim então:

A centralidade dos meios de comunicação de massa na prática política contemporânea está fundada na dupla mediação que eles estabelecem nas relações entre líderes, eleitores e a realidade que os cerca. Há, em primeiro lugar, a mediação do discurso político. Hoje, a esmagadora maioria dos discursos políticos é transmitida pela mídia; as emissões radiofônicas e televisivas são o principal meio de contato entre os líderes partidários e o conjunto dos cidadãos (ou mesmo seus adeptos). Contatos face a face, como em reuniões, comícios ou banquetes, ainda cumprem funções simbólicas significativas, mas possuem um *status* secundário.¹⁵

Com a utilização concreta da televisão, ocorre uma grande modificação na elaboração do discurso dos governantes/candidatos para com os seus governados/eleitores. Essa mudança é dada assim, antes quando os discursos eram feitos para um público específico (geralmente em um contato “pessoal”, exemplo: uma palestra), esses discursos tinham um caráter de análise e solução de problemas, de exposição de programas de governo e de conceitos de produtos políticos muito mais aprofundado e contextualizado. Atualmente como a televisão substitui esse contato mais íntimo por um contato mais impessoal, o que vemos é a criação de discursos que divagam e não dizem nada ou dizem muito pouco na quase totalidade das vezes,

¹⁵ MIGUEL, Luis Felipe. *op. cit.*, 2002, p. 14.

resumindo eles seriam superficiais, já que não englobam uma audiência homogênea (não atingem uma massa populacional inteiramente precisa no sentido de problemas locais e regionais por exemplo).

Com a substituição do contato físico presencial do governante/candidato com o povo pelo contato através da imagem, a estética e outras características do homem (corte de cabelo, vestimenta, gesticulação, eloquência, etc) passam a valer mais do que o real significado daquilo que é expresso por sua fala. Portanto, proveniente de tais modificações a mídia passou a ser objeto de grande disputa pelo poder político na atualidade, principalmente por não se limitar apenas a retratar a realidade, mas também pela tentativa de moldá-la.

Lima resume as questões vistas anteriormente assim:

[...] além de substituir os partidos políticos na função de principais mediadores entre candidatos e eleitores nas campanhas eleitorais, a mídia tem desempenhado outras funções que, tradicionalmente, eram atribuídas aos partidos, tais como: definir a agenda dos temas relevantes para a discussão na esfera pública, gerar e transmitir informações políticas, fiscalizar a ação das administrações públicas, exercer a crítica das políticas públicas e canalizar as demandas da população junto ao governo.¹⁶

Com todas essas mudanças, um estudo mais próximo da construção da opinião pública se faz necessário, já que a mesma é fortemente influenciada pela onda midiática de informações advinda das mais diferentes fontes e dos mais diversos interesses individuais emanados dos veículos que divulgam as notícias.

1.3 A opinião pública

Primeiramente teremos que identificar o conceito da expressão “opinião pública”, para depois podermos relacionar a sua definição com a sua formação.

¹⁶ LIMA, Venício Artur de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 191.

Formação essa demasiadamente influenciada pelos meios de comunicação em massa, especialmente pela televisão.

Para Sartori

a opinião pública se apresenta antes de mais nada como uma situação, uma colocação. Neste sentido representa o conjunto de opiniões que se encontram *na* coletividade ou *nos* agregados públicos. Mas a noção de opinião pública consiste também e sobretudo nas opiniões generalizadas *do* público, nas opiniões endógenas, que *são* do público no sentido que o público é na verdade o *sujeito* das mesmas. Acrescente-se que uma opinião é dita pública não só porque pertence *ao* público, mas também porque envolve a *res pública*, a coisa pública, quer dizer, assuntos que são de natureza pública: o interesse geral, o bem comum, os problemas coletivos.¹⁷

O problema ocorrido aqui é a grande interferência que a mídia exerce sobre os tópicos de discussão que estarão em evidência no cenário nacional e internacional, e dependendo do meio de veiculação das notícias elas podem ou não serem imparciais, isso ocasiona um grande perigo para o bom andamento da democracia. Isso se torna ainda mais preocupante se for levado em consideração que caminhamos para uma concentração de propriedade no campo da informação (veremos essa questão mais detalhadamente no segundo capítulo), onde os grandes grupos midiáticos mundiais possuem interesses capitalistas em comum.

A imprensa tem a liberdade de escrever editoriais e exprimir uma opinião acerca de tópicos de grande interesse (por exemplo, um “modo de discurso” habitualmente utilizado por um determinado jornal – este seria o seu “idioma público”), ela não está limitada apenas a reproduzir as declarações dos governantes e os eventos que acontecem diariamente. E exprimir uma opinião aqui nesse contexto é declarar as suas opiniões, é dizer o que pensa expresso no seu idioma público. Ou seja, a

¹⁷ SARTORI, Giovanni. *Homo videns. Televisão e pós-pensamento*. Bauru, SP: EDUSC, 2001, p. 52.

linguagem pública do jornal é definida por suas próprias declarações e pensamentos, este seria o resultado do seu *juízo editorial*.¹⁸

Mas com o aumento cada vez mais vertiginoso da velocidade das informações como vimos anteriormente, é bom estarmos atentos ao que é noticiado.

Fernando Henrique Cardoso nos alerta para isso:

O risco, nos meios de comunicação de massa, é o de simplificar os fatos, de valorizar a parte em detrimento do todo, a frase em prejuízo do texto, a versão em prejuízo do fato real, a imagem em detrimento da argumentação e, principalmente, de ressaltar no acontecimento aquilo que pode despertar “impacto” e não o processo que engendrou este acontecimento. Há um perigo em se tratar a notícia de modo fragmentado, em não se ter cuidado maior com o ritmo mais complexo do pensamento voltado para a compreensão abrangente dos eventos. O imediatismo pode fazer com que, muitas vezes, não se dê a necessária ênfase à grande notícia do dia, que ela passe até mesmo despercebida, privilegiando-se a *petite histoire*, a intriga, o boato, “o disse-não-disse”.¹⁹

Em virtude das alterações apresentadas, podemos usar uma definição de Champagne voltada para a noção de “opinião pública”, onde a mesma é descrita como

[...] uma ideologia profissional. É a opinião manifestada a respeito da política por grupos sociais restritos cuja profissão é produzir opiniões e que procuram entrar no jogo político modificando-o e transfigurando suas opiniões de elites letradas em opinião universal, intemporal e anônima com valor na política.²⁰

Voltando agora àquela afirmação inicial, de que a opinião pública sofre um condicionamento em virtude do que é televisionado (*em especial*), iremos perceber a definição de Giovanni Sartori acerca de toda repercussão que a televisão pode causar nas tomadas de decisões de todo um povo, de toda uma nação. Esse seria o seu ponto de vista, “[...] é incontestável que a televisão é um formidável formador de opinião. Hoje, o povo soberano ‘opina’ sobretudo em virtude da forma com que a televisão o induz a

¹⁸ HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: O mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993, pp. 224-248.

¹⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. A Revitalização da Arte da Política. In: ZANETTI, Hermes (org.). *Democracia – a grande revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, pp. 15-30.

²⁰ CHAMPAGNE, Patrick. *op. cit.*, p. 48.

opinar. Por isso o poder do vídeo, ao dirigir a opinião pública, coloca-se realmente no centro de todos os processos da política contemporânea”.²¹

Assim sendo, o tema exposto neste trecho de estudo pode ser encaixado no pensamento de Luis Felipe Miguel, onde “[...] os meios de comunicação possuem um impacto significativo na percepção que os indivíduos formam do mundo que os cerca, impacto que se manifesta, também, em seu comportamento político”.²²

Estudadas as transformações originárias da mídia na formação e condução da democracia e da opinião pública, será mostrada no próximo capítulo a aplicação dos conceitos vistos até agora em um plano concreto. O foco estará voltado para a constituição do cenário político da Itália e alguns de seus atores.

²¹ SARTORI, Giovanni. *op. cit.*, p. 51.

²² MIGUEL, Luis Felipe. *op. cit.*, 2002, p. 22.

2. O SISTEMA POLÍTICO ITALIANO, A CONCENTRAÇÃO DE PROPRIEDADE E A BIOGRAFIA DE SILVIO BERLUSCONI

Neste segundo capítulo a monografia se voltará para a forma como a democracia da Itália é exercida e conduzida tanto por seus cidadãos quanto por seus governantes, ressaltando o rumo que a sua forma de governo vem tomando. A partir desse entendimento, vamos tratar da relação entre o regime democrático italiano e a concentração de propriedade. Juntamente com isso, faremos menção ao significado do poder simbólico, conceito este de bastante relevância para a compreensão do nosso estudo. Para encerrar o capítulo uma biografia de Silvio Berlusconi servirá de introdução para o “estudo de caso” referente ao capítulo três, e conseqüentemente a sua análise.

2.1 O sistema político italiano

Para podermos entender a ‘atual’ conjuntura da democracia italiana, temos que fazer uma breve análise de sua origem. A presente política italiana nasce, se desenvolve e depois se fortalece à sombra da opressão fascista que tomou conta da Itália entre os anos de 1919 e 1943, suas características essenciais eram o totalitarismo (que sujeitava o interesse do indivíduo ao Estado), o nacionalismo (a nação como forma superior de desenvolvimento) e o corporativismo (onde os sindicatos patronais e trabalhistas exerciam o papel de mediadores das relações entre o capital e o trabalho).²³ A situação ilustrada acima provocou a revolta de muitas pessoas, fazendo com que elas se sentissem no dever de restaurar a democracia em seu país. Ou seja, Bergson escreve: “A democracia foi introduzida no mundo sobretudo como um protesto”.²⁴

²³ O Fascismo na Itália. Almanaque Abril – 2001, em CD-ROM. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/mundoantigo/fascismo/2.htm>>. Acesso: 15 nov. 2006.

²⁴ BERGSON, Henri apud BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, 2001, p. 130.

Protesto realizado contra um Estado totalitário que priva os seus cidadãos dos seus direitos sociais, civis e políticos.

Com o término do fascismo, a Itália se vê livre para a instituição de uma democracia forte, uma democracia que busque satisfazer a necessidade de todos. A partir dessa premissa é adotada uma democracia representativa, ou seja, uma forma de governo centrada em seus partidos políticos, onde os respectivos representantes de cada partido irão defender os interesses do seu eleitorado e as regras a serem seguidas na administração pública e na sociedade civil.²⁵

O sistema político italiano adotado após o fascismo e que funciona até os nossos dias, é o Republicano Democrático Parlamentar. Por parlamentarismo entende-se um governo com legitimação indireta, originado não da votação popular mas sim de uma assembléia na sua maioria formada por um partido singular ou por uma coligação de partidos. Ele é sustentado pela confiança da maioria da assembléia, perante a qual é responsável, não havendo a confiança o governo cai. Com isso, antes do término da legislatura a assembléia pode ser destituída, convocando-se novas eleições. No Parlamento além da chefia do governo existe a chefia de Estado – presidente ou monarca – que desempenha funções simbólicas e cerimoniais.²⁶

Especificadas as características pertencentes ao parlamentarismo, aquele que irá governar de forma concreta o governo, é chamado de primeiro-ministro. Definido o primeiro-ministro este poderá ocupar três posições distintas em seu gabinete (por gabinete entende-se que seja um governo parlamentar coletivo, onde cabe a um grupo de pares unidos num ministério, a prerrogativa do exercício do poder).

Dentre os três tipos de gabinete – *primeiro sobre iguais*, *primeiro entre desiguais* e *primeiro entre iguais* – a Itália adota o segundo (embora seus governos

²⁵ ver BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, 2001.

²⁶ CINTRA, Antônio Octávio. Presidencialismo e parlamentarismo: são importantes as instituições? In: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio (orgs.). *Op. cit.*, pp. 37-59.

tenham sido bastante instáveis devido a intensos conflitos partidários). No modelo escolhido pelos italianos – *primeiro entre desiguais* – o primeiro-ministro não precisa ser o líder maior do partido. Mas, chegando ao comando do governo, goza de mais poder do que os demais ministros. Lembrando que ele seleciona seus ministros e pode também demiti-los.²⁷

Como se pode observar, o Parlamento é formado por partidos que são postos no comando da discussão política através do voto popular, e conseqüentemente, o partido vencedor nas eleições escolherá seu representante (o chamado primeiro-ministro) para que o mesmo assuma a responsabilidade de defender e buscar impor os interesses do Estado, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Anteriormente esta formação se dava por meio da votação em torno dos partidos de acordo com suas qualidades históricas, ou seja, por mais que algum candidato de um partido menos expressivo possuísse uma capacitação pessoal mais elevada que o adversário pertencente a um partido mais forte, este candidato menos capacitado era eleito por pertencer ao partido ganhador. Isso pode ser explicado levando-se em consideração que o eleitor se identifica com o partido e não com a pessoa candidata.

Mas, com o passar dos anos, ocorre uma mudança significativa nessa relação eleitor – partido – candidato. E ela é representada em 1994, através da nossa figura política de análise que atende pelo nome de Silvio Berlusconi, que para entrar no cenário político criou um partido chamado *Forza Italia*. Para a surpresa de todos, com livre acesso a publicidade e uma política centrada em duras críticas à corrupção, seu partido venceu as eleições de março de 1994, fazendo com que ele fosse empossado

²⁷ CINTRA, Antônio Octávio. *op. cit.*

primeiro-ministro italiano (mas por ingerências a coalizão vencedora foi dissolvida em poucos meses).²⁸

Essa transformação se dá pela transferência de votos no conteúdo partidário e suas características para uma votação baseada na imagem do candidato, imagem transmitida pelos meios de comunicação em massa (com ênfase maior a televisão), que preterem as idéias às faces das pessoas.

Com isso, Berlusconi leva vantagem nesta nova forma de representação política, já que o mesmo é dono de uma cadeia de veículos de informações nas mais diversas áreas como veremos mais adiante e possui uma habilidade magistral na hora de usá-los em seu benefício. Ele tem assim intimidade com o que é chamado de *poder simbólico*, poder este que será abordado em seqüência, juntamente com o fenômeno da concentração de propriedade na mídia.

2.2 A concentração de propriedade

Recentemente, no final do século XX e início do século XXI em decorrência da crescente globalização tecnológica em torno dos meios de comunicação e também em conseqüência da enorme liberalização econômica mundial, ocorre uma concentração de propriedade midiática (fusões, aquisições e *joint ventures* entre os mais diversos atores da economia global, são eles: Estados nacionais, empresas estatais, privadas e mistas, etc.) preocupante para o andamento do sistema democrático.

No ano de 2000 um estudo realizado pela LAFIS²⁹ chegou à conclusão que

quatro ou cinco grupos dominarão todas as formas de mídia concebíveis, da imprensa tradicional à internet, passando por cinema, rádio e televisão, videogames, não só nos Estados Unidos como provavelmente em todo o mundo

²⁸ CAMPOS, Mariana F e VISACRO, Rogério. *Personalidades Atuais – Silvio Berlusconi*. Disponível em: <<http://www.forzaitalia.hpg.ig.com.br/>>. Acesso: 17 nov. 2006.

²⁹ Empresa de consultoria que provê conteúdos e ferramentas de análises de empresas de capital aberto e capital fechado.

[...] Isso é a aceleração de um processo triste e bem familiar: a consolidação vertical e horizontal das diferentes formas de mídia, resultando em simbiose cada vez maior com o poder político e econômico, diluição de conteúdo e autocensura.³⁰

Como podemos ver essa pesquisa realizada pela LAFIS se identifica com o caso Berlusconi na Itália, onde o mesmo se caracteriza como o grande magnata das comunicações em seu país. Este tipo de monopólio criado por ele recebe o nome de *propriedade cruzada*, que segundo Lima, “trata-se da propriedade, pelo mesmo grupo, de diferentes tipos de mídia do setor de comunicações. Por exemplo: TV aberta, TV por assinatura, radio, revistas, jornais.”³¹

Partindo dessa premissa da *concentração horizontal* (oligopólio ou monopólio produzido dentro de uma mesma área do setor), e da *concentração vertical* (diferentes etapas da cadeia de produção e distribuição integradas, ou seja, um grupo único responsável pela produção, veiculação, comercialização e distribuição do seu produto), observaremos como Berlusconi utiliza seus recursos para mostrar ao público uma imagem carismática, que é forjada e consolidada através dos veículos de comunicação pertencentes a seu grupo.

Essa tentativa de moldar condutas individuais e coletivas, e introduzir valores, é uma forma de tentar manipular toda uma realidade (idéias e ações de um povo) por meio de símbolos, provocando uma mudança que atingiria desde a economia até a política, por exemplo. Estas formas simbólicas influenciadoras de opinião são chamadas de poder simbólico.

O poder simbólico é baseado na confiança daquele que está sujeito ao poder para com aquele que o desempenha. Tal poder só existe se for reconhecido pela crença e for ignorado como arbitrário. Ele é usufruído por uma classe dominante que assenta seu poder no capital econômico, buscando a imposição da legitimidade de sua

³⁰ LAFIS – Pesquisa e Investimento em Ações na América Latina, *Carta Capital*, nº 116, 16/2/2000, pp. 68-71.

³¹ LIMA, Venício Artur de. *op. cit.*, p. 101.

dominação, havendo assim sempre a ameaça de desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação. Vemos aí que o capital simbólico se integra ao capital político, já que em política “dizer é fazer”, fazer acreditar que se possa fazer o que se diz.³²

Analisando as situações e conceitos vistos acima, trataremos agora de uma breve biografia introdutória de Silvio Berlusconi. Isto servirá para que no capítulo três possamos entender melhor seu método de obtenção e utilização do poder simbólico em sua luta pela liderança dos poderes públicos e influência sobre a formação de pensamentos da sociedade italiana.

2.3 A biografia de Silvio Berlusconi³³

A biografia aqui exposta será somente para nos familiarizarmos com o protagonista das ações que serão vistas no terceiro capítulo. Por isso, questões mais relevantes poderão ser contempladas posteriormente. O objetivo aqui é só vislumbrarmos uma rápida passagem pelo início da vida de Silvio Berlusconi, sua educação e também, o seu começo e a sua consolidação no mundo dos negócios. Após abordarmos isso, aí sim, será analisada sua inserção e atuação na política italiana.

Silvio Berlusconi nasceu em 29 de setembro de 1936, na cidade de Milão, Itália. Primeira das três crianças de uma família de classe média, Berlusconi teve seu pai Luigi como inspiração, já que este começou sua carreira como simples empregado de um banco pequeno chamado Banca Rasini, e antes de se aposentar ocupava o cargo de gerente geral do banco nos anos 60.

³² ver BOURDIEU, Pierre. *op. cit.*

³³ Biografia de Sílvio Berlusconi retirada do sítio <<http://www.europaluxury.com/people/billionaire/berlusconi-silvio.html>>. Acesso: 18 nov. 2006.

Berlusconi é formado em Direito pela '*Università Statale*' de Milão, formação adquirida no ano de 1961. Sua carreira nos negócios começa no ramo de construção nos anos 60. Uma estação de televisão a cabo chamada *Telemilano* foi sua entrada no mundo das comunicações (projeto designado para a promoção de seu desenvolvimento residencial *Milano 2*). Logo em seguida, ele forma seu primeiro grupo de mídia, o Fininvest, expandindo assim seu grupo para o âmbito nacional e não mais regional. Essa expansão se deu por meio de uma rede de televisões locais que transmitiriam o mesmo conteúdo, formando então uma única estação nacional.

Embora hoje seja regra uma cadeia de emissoras transmitindo o mesmo material em rede nacional, naquela época tal atividade era ilegal, desde que a lei italiana havia reservado o monopólio do direito de transmissão televisiva para a televisão pública, a televisão do Estado (RAI). Mesmo assim, em 1980 Berlusconi funda a primeira rede nacional privada da Itália, chamada de *Canale 5*, sendo que pouco tempo depois mais duas redes foram instituídas, a *Italia 1* (1982) e a *Rete 4* (1984).

Para a construção do primeiro e até o momento único império italiano de televisão, Berlusconi utiliza sua ligação com Bettino Craxi, na época secretário-geral do partido socialista italiano e primeiro-ministro da Itália. Mas por muitos anos os três canais de Silvio Berlusconi eram proibidos de transmitir notícias políticas e também de emitir qualquer comentário acerca da política italiana. Considerando tudo isso, os três canais se tornaram a principal alternativa para os também três canais estatais (*RAI Uno*, *RAI Due* e *RAI Tre*). Somente nos anos 90 acaba o monopólio do Estado sobre a informação na Itália.

Para uma maior visualização do monopólio criado por Silvio Berlusconi, aqui estão suas posses: o principal grupo Berlusconi é o *Mediaset* que compreende três canais de televisão nacionais (aproximadamente responsável por 50% da audiência nacional) e a *Publitalia*, agência líder na Itália em propaganda e publicidade. Ele

também é dono da *Mondadori*, maior editora italiana que publica uma revista de notícias chamada *Panorama*, tem interesse na área de seguros (*Mediolanum*) e em uma variedade de outras atividades. Vale lembrar que seu irmão e sua mulher controlam dois jornais impressos, ambos de centro-direita, e que, Berlusconi ainda é proprietário de um dos maiores clubes de futebol da Itália e da Europa (AC Milan).

Passaremos a seguir a uma visão mais abrangente das relações cada vez mais interdependentes entre mídia e política estabelecidas após a posse de Silvio Berlusconi como primeiro-ministro da Itália, em 2001.

3. SILVIO BERLUSCONI: A POLÍTICA ITALIANA E SEU IMPÉRIO MIDIÁTICO

De domínio dos conceitos expostos nos capítulos anteriores veremos os temas previamente explanados na monografia em uma situação particular. O “estudo de caso” que será tomado como objeto de análise é o período entre os anos de 2001 e 2006, tempo que Silvio Berlusconi atuou como primeiro-ministro da Itália. Estudaremos a forma como ele lidou com a situação de ter em suas mãos o cargo de maior prestígio político de uma nação e até que ponto seus interesses privados podem ter interferido em suas decisões públicas. Não tomaremos como exemplo seu primeiro mandato em 1994 porque foi exercido durante um curto prazo, menos de um ano.

3.1 A política teatral

A eleição de Silvio Berlusconi se concretiza em um momento em que a política é vista como espetáculo, e para melhor representar isso temos a figura de um

[...] senhor sempre elegantíssimo que bem conhece a arte de atrair a atenção para si com o seu elóquio, a sua maneira desenvolta e cativante de caminhar e dirigir-se ao público [...] Sempre sorridente, seguro de si, hábil simplificador de conceitos econômicos a ponto de torná-los ao alcance de todos.³⁴

Uma representação fiel da política como espetáculo é vista na ação protagonizada por Berlusconi a uma semana das eleições italianas de 2001, quando em um programa da *RAI Uno* (“Porta a Porta”)³⁵ ele assume a pose de chefe de governo,

³⁴ BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, 2001, p. 137.

³⁵ Tradicional programa de debates, com enfoque especial para a política.

confiante em uma vitória triunfal e porque não dizermos “teatral”. Demonstrando toda confiança possível e imaginável em sua eleição, Berlusconi propõe ao povo italiano a assinatura de um “contrato”. Um contrato com cinco promessas (diminuição dos impostos, aumento das pensões mínimas, criação de pelos menos 1,5 milhões de novos postos de trabalho, medidas de combate à criminalidade e execução de uma longa série de obras públicas), que foi lido em voz alta. Somente após o seu pedido à direção do programa em encontrar uma mesa “merecedora” do recebimento de sua assinatura no documento ser atendido é que o documento foi assinado. Enquanto o assinava era aplaudido pela audiência, terminando de forma gloriosa mais um de seus “shows” televisivos. O teatro estava apenas começando.³⁶

Em uma entrevista concedida ao sítio do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (NEMP) da Universidade de Brasília a pesquisadora brasileira Paula Diehl define o uso do corpo na representação teatral existente no jogo político. Ela acredita que

o corpo seja um veio importante para se entender os mecanismos de representação e apresentação midiática da política hoje. Se prestarmos atenção, há uma tendência mundial no uso performático do corpo como elemento de teatralização da política, onde ele chega até mesmo a desempenhar uma função lúdica ou incitar projeções de desejos e aspirações de ordem individual. Silvio Berlusconi é um ótimo exemplo.³⁷

A presente situação nos mostra um processo eleitoral onde muitos votos referentes ao partido Forza Itália foram confiados de forma significativa a Berlusconi em pessoa, a sua personagem. Um fato inusitado é que Berlusconi já chegou até a fazer uma operação plástica onde os detalhes do procedimento cirúrgico foram divulgados pela mídia.

³⁶ O “show” televisivo de Berlusconi – líder da direita assina “contrato com os italianos”, 10/05/2001. Disponível em: <<http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=140520&idCanal=647>>. Acesso: 29 nov. 2006.

³⁷ DIEHL, Paula. Teatro e comunicação política necessitam da força performática do corpo humano. Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (NEMP - UnB). Disponível em: <<http://www.unb.br/ceam/nemp/teatroepolitica.htm>>. Acesso: 29 nov. 2006.

Sendo assim, a coligação *Casa delle Libertà* (Casa das Liberdades) formada pelos partidos *Alleanza Nazionale*, *UDC* (Democratas Cristãos), *Lega Nord* e outros, é eleita com 45,4% dos votos para Câmara dos Deputados, e 42,5% para o Senado.³⁸ O novo governo recebeu a confiança da Câmara com 351 votos a favor e 261 contra, no Senado a contagem foi 175 votos a favor e 133 contra.³⁹

Eleito, Berlusconi se tornou responsável pelo monopólio quase que completo das comunicações italianas, como observaremos mais à frente.

3.2 O enfraquecimento da tradição partidária italiana

Analisando a forma como ocorre a eleição de Silvio Berlusconi pode-se identificar uma metamorfose no processo político da Itália, onde o voto agora é dado também à pessoa e não somente ao partido. Vemos, então, uma transformação na política italiana, já que seu parlamentarismo possui uma tradição partidária forte construída durante muitos e muitos anos.

O enfraquecimento dos partidos não é exclusividade da Itália, mas sim uma tendência mundial. Eles são estruturas que norteiam a relação entre a sociedade e o Estado, mas que atualmente encontram-se em uma crise que possui raízes mais profundas do que imaginamos. Hoje se tem, em razão de um mundo globalizado e da predominância da ideologia liberal, o estabelecimento de uma relação entre organizações e eleitores voltada cada vez mais a conquista de resultados a curto prazo, são os partidos políticos de “resultados”.⁴⁰

³⁸ Berlusconi Silvio. Disponível em: <<http://www.europaluxury.com/people/billionaire/berlusconi-silvio.html>>. Acesso: 18 nov. 2006.

³⁹ Centro de Investigación de Relaciones Internacionales y Desarrollo. Silvio Berlusconi. Disponível em: <http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias_lideres_politicos/europa/italia/silvio_berlusconi>. Acesso: 29 nov. 2006.

⁴⁰ CARVALHO, Maria Izabel Valladão de. Crise ou Falência: Partidos Políticos Ontem e Hoje. In: RUA, Maria das Graças; CARVALHO, Maria Izabel Valladão de (orgs.). *O estudo da política: Tópicos selecionados*. Brasília: Paralelo 15, 1998, pp. 105-122.

Não devemos nos esquecer que a mídia desempenha um papel de destaque na crise exposta acima, de acordo com as palavras de Maria Izabel Valladão de Carvalho

[...] O desenvolvimento da televisão – que facilitou o relacionamento direto do candidato com os eleitores, independentemente do partido – somado à insatisfação do eleitorado com o desempenho pouco diferenciado das organizações partidárias, resultou na personalização do voto e na diminuição significativa do seu papel em determinar as preferências políticas.⁴¹

Um dos principais fenômenos causadores do enfraquecimento da confiança do povo italiano nos partidos políticos tradicionais foi a crise deflagrada no início dos anos 90, envolvendo em um escândalo os dois maiores partidos da Itália (o Partido Demócrata Cristão e o Partido Socialista), que acabam por perder muito de sua força eleitoral devido às acusações judiciais de corrupção contra seus principais membros.⁴²

Com isso, a sociedade italiana passa a questionar as funções exercidas pelos partidos e até que ponto eles são realmente indispensáveis à sua democracia. Conseqüentemente à perda de credibilidade nos partidos houve uma abertura do povo italiano a algo novo, que viesse tentar solucionar os problemas recentes.

Aproveitando-se da fragilidade política que tomava conta da Itália, Berlusconi promove sua entrada no cenário político por meio de uma propaganda política massiva em seus canais de televisão, e faz usufruto de todas as suas “qualidades” para passar a imagem de um homem de negócios bem sucedido, que poderia fazer o mesmo por sua nação, tornando-a novamente uma República Parlamentar confiável e de resultados sociais, econômicos e políticos mais expressivos.

⁴¹ CARVALHO, Maria Izabel Valladão de. *op.cit.*, p. 105.

⁴² Berlusconi Silvio. Disponível em: <<http://www.europaluxury.com/people/billionaire/berlusconi-silvio.html>>. Acesso: 21 nov. 2006.

A confirmação do empossamento de Silvio Berlusconi como primeiro-ministro (1994 e 2001) caracteriza a tendência da personalização política na Itália.

3.3 A personalização política italiana

A personalização da política é favorecida pela mídia, que prefere dar mais ênfase às faces das pessoas do que as suas idéias. Com o advento da personalização na Itália a questão passa a ser qual será o líder preferido e não qual será o partido mais votado.⁴³

Entra em cena então neste caso italiano a utilização concreta do capital simbólico, onde Bourdieu faz uma ligação entre o capital político como forma simbólica, ou seja, crédito firmado na crença e no reconhecimento ou, principalmente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles lhes reconhecem. O autor nos apresenta o capital pessoal baseado na “notoriedade” e “popularidade”, no fato da pessoa ser conhecida e reconhecida por sua reputação, pelo nome, etc.

Bourdieu diz que um capital de notoriedade é acumulado especialmente em profissões que permitem tempo livre e supõem certo capital cultural, dando como exemplo os advogados que, na maioria das vezes, possuem um domínio profissional da eloquência, visto que tais qualificações específicas são boas condições para a aquisição e conservação de uma boa reputação.⁴⁴

Berlusconi acaba por ser a representação perfeita da personalização política, já que em sua pessoa residem os requisitos descritos acima (a eloquência, o domínio do palco e o cuidado com a apresentação – roupa, cabelo, plástica, postura – são marcas registradas de sua personagem). É formado em Direito e utiliza como

⁴³ BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, 2001, p. 125.

⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. *op. cit.*, pp. 190-191.

ninguém o dom da eloquência, não bastasse toda sua influência na área das comunicações ainda por cima como forma de obter maior visibilidade nacional e internacional tornou-se proprietário de um dos maiores clubes de futebol da Itália, o AC Milan (muitos dizem que foi uma grande “jogada” para a consolidação de Silvio Berlusconi no cenário político).

A compra do Milan é concretizada em 1986, após um período muito conturbado do futebol italiano, onde vários clubes e jogadores haviam sido investigados e punidos por participarem de um esquema responsável pela armação de resultados dos jogos. A operação consistia da elaboração de uma rede de apostas clandestinas (uma espécie de loteria esportiva paralela), que na temporada 1978/79 (quando o Milan sagrou-se campeão) havia obtido bastante lucro.

O esquema que ficou conhecido como *Totonero*⁴⁵ (nome como ficou conhecida essa “loteria”, uma junção de “*Totocalcio*” – nome da loteria esportiva oficial italiana – com “*nero*”, “negro”, “às escuras”) buscava o suborno de pessoas que poderiam manipular o resultado das partidas (dirigentes de clubes e os jogadores, em especial). O veredicto final do escândalo, dado em 1980, foi a prisão de 48 pessoas (36 jogadores, um diretor técnico e quatro presidentes de clubes – Bologna, Juventus, Lazio e o próprio Milan) e o descenso à segunda divisão do *calcio* italiano ou perda de pontos de algumas equipes.

Rebaixada à segunda divisão nacional após o escândalo, a equipe do Milan passou por altos e baixos até a sua compra pelo empresário Berlusconi. A partir de então, com a injeção de milhões de dólares os *rossoneri* voltaram à elite do futebol italiano e europeu, ocasionando uma enorme visibilidade de seu dono (suas aparições nos finais de semana em estádios da Itália ainda são freqüentes, sempre promovendo a figura de uma personagem poderosa e segura de si).

⁴⁵ LEAL, Ubiratan. O escândalo que não poupou nem o Milan, 20/04/2006. Disponível em: <http://www.gardenal.org/balipodo/2006/04/o_escandalo_que_ nao_poupou_nem.html>. Acesso: 30 nov. 2006.

Apesar de todas as qualidades que uma pessoa possa ter, é necessário também aproveitar as oportunidades que surgem. E foi exatamente o que Berlusconi fez mais uma vez, ou seja, ocupou um lugar vazio deixado pela descrença nos políticos de carreira (aqueles que sempre são reeleitos e não abandonam nunca a política, não havendo renovação no poder). Até então, esse lugar era ocupado em sua maioria pelos políticos do Partido Democrata Cristão.

A Itália viu em Berlusconi uma espécie de “salvador da pátria”, onde o empresário realizado profissionalmente na vida privada buscava a mesma *fortuna* a seus governados em uma política que necessitava não de um “político”, mas sim de um gerente, ou seja, alguém que administrasse o interesse público de forma correta. E foi associado a esta mudança política a figura de Berlusconi: o povo queria que ele gerenciasse seus interesses assim como gerenciava os seus próprios.

A partir da concretização da vontade da maioria dos italianos em ver Berlusconi como seu líder político, o que se viu foi uma permanente indagação sobre os conflitos de interesses criados com a situação que colocou em suas mãos o poder do aparato estatal da mídia (RAI). Sendo assim, ficou encarregado dos interesses privados de suas empresas juntamente com os públicos alcançados a partir do momento em que foi eleito. Analisaremos a seguir os conflitos originados.

3.4 O conflito de interesses

Não bastasse ser o “todo poderoso magnata” da comunicação privada na Itália, Berlusconi passa a ser o detentor da comunicação estatal também. Combinadas, a RAI e a Mediaset dominam cerca de 90% da audiência televisiva. Somente a Mediaset é dona de aproximadamente 50% da audiência como vimos previamente, e de 66% dos anúncios comerciais vinculados na televisão.

Mas nem sempre foi assim o sistema de radiodifusão italiano. Até 1975 o Estado era o detentor do monopólio da difusão por rádio e televisão na Itália (RAI). Com o avanço acelerado das telecomunicações, decorrente do desenvolvimento de novas tecnologias, os governos do ocidente – alguns, não todos – desregulamentam suas atividades em relação às organizações da mídia e suspendem as legislações vistas como restritivas. Após 1975, o monopólio da estatal RAI é rompido e multiplicam-se os canais locais ou quase nacionais custeados por receitas publicitárias, onde os mesmos são submetidos a um mínimo de regulamentação por parte do Estado.⁴⁶

Thompson faz uma ressalva à condição criada para o aumento da competitividade nos setores industriais. Para ele “[...] ao abrir a difusão e as novas tecnologias à exploração comercial, a desregulamentação pode fazer com que os conglomerados da comunicação aumentem seu papel de dominação na nova economia global da informação e comunicação”.⁴⁷ Essa preocupação existe justamente porque sem uma fiscalização e um mínimo de controle veremos um pequeno grupo de pessoas responsável por um setor de enorme influência na organização de uma sociedade, sendo que mais tarde poderiam fazer uso de tal poder para tentar manipular opiniões e decisões de uma nação (até mesmo de nações) em razão da satisfação de seus próprios negócios empresariais.

Por sua vez, Ana Carolina Querino entende a concentração de propriedade na Itália da seguinte maneira:

Apesar deste tipo de abuso de propriedade gerar grande preocupação, a lei italiana dá espaço para que ela ocorra. Não há nenhuma regra proibindo políticos de serem titulares de licenças de radiodifusão. Além disto, de acordo com a Lei nº 223/91, “as concessões em âmbito nacional [...] deixadas totalmente a um único sujeito, a sujeitos que controlem outros titulares de concessão, não podem superar 25% do número de redes nacionais previstos pelo plano de entrega e de qualquer forma o número de 3”, (art.15 (4)). O limite previsto neste plano de entrega é amplo o bastante para que Berlusconi esteja

⁴⁶ THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, pp. 264-265.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 266.

dentro dele. Quanto à propriedade cruzada, há limites para propriedade de jornais escritos e estações de TV que variam de acordo com a tiragem nacional do veículo impresso: é dada autorização para explorar apenas uma rede quando a tiragem do jornal for superior a 16% do total nacional (art.15 (1) (a)); duas concessões quando a tiragem for superior a 8% (art.15 (1) (b)) e mais de duas quando a tiragem é inferior a esta percentagem (art.15 (1) (c)). Não é permitido ter autorização para difundir TV nacionalmente e regionalmente ao mesmo tempo (art. 19 (4)), mas pode-se difundir TV e rádio na mesma localidade (art. 19 (3)). Não são contabilizadas as ações no nome de parentes e sócios.⁴⁸

Sendo assim, a Lei n° 223 de 23 de julho de 1991 não só protege, mas também fortalece o império midiático de Silvio Berlusconi. Como foi visto no segundo capítulo Berlusconi organiza seus bens de uma maneira que a legislação italiana não possa obrigá-lo a desfazer-se de alguma de suas posses, como por exemplo, jornais impressos controlados por sua esposa e seu irmão.

O que vemos agora é um irremediável conflito de interesses, Berlusconi que já possuía um poder desproporcional em relação à influência da formação da opinião pública juntamente com a tutela da televisão estatal faz com que o pluralismo deixe de ser um valor e que as liberdades estejam limitadas.

Associado a tudo isto, Berlusconi é um homem controverso. Suas condutas são duvidosas, atribuem a ele acusações de ligação com a máfia, fuga aos impostos, tentativa de suborno de magistrados judiciais e de agentes do fisco, compra de políticos e de juizes e até de cumplicidade em assassinatos.⁴⁹

Como em uma sociedade democrática tão rica culturalmente, um homem com tais antecedentes (um “mafioso” em potencial) pode se tornar primeiro-ministro? Uma das respostas é a seguinte

Além das promessas de diminuição drástica dos impostos - a sua principal bandeira eleitoral - Berlusconi transmite a imagem de um empresário de sucesso, daí advindo muito do seu fascínio. E os italianos pensam que quem

⁴⁸ QUERINO, Ana Carolina. *Legislação de radiodifusão e democracia: uma perspectiva comparada*. Relatório Final entregue ao Pibic/UnB/ CNPq em julho de 2001 (mimeo), pp. 9-10.

⁴⁹FERNANDES, José Manuel. “Citizen” Berlusconi. Disponível em: <<http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=139840&idCanal=647>>. Acesso: 18 nov. 2006.

ganhou tanto dinheiro - de acordo com a revista "Forbes" a 14ª maior riqueza do mundo -, também os fará ganhar a eles.⁵⁰

Outra resposta que podemos levar em consideração é que não houve igualdade de tratamento, imparcialidade e completude das informações nos programas da televisão italiana. Querino escreve que

[...] Nas últimas eleições, por exemplo, os canais de Berlusconi deram a este candidato quatro vezes mais exposição do que ao seu rival. E este candidato acabou recebendo mais exposição na emissora estatal também⁵¹. Muitos afirmam que a sua principal arma foi mesmo a utilização de sua imagem na TV, ou seja, ele conseguiu aumentar o seu capital político através do uso deste meio de comunicação.⁵²

Vemos aqui uma disputa desigual, uma relação que abala um dos pilares fundamentais da democracia, ou seja, a igualdade. No governo de Silvio Berlusconi a democracia caminha às cegas, sem liberdade de expressão nem fontes independentes de informação porque a maioria esmagadora dos meios de comunicação a ele pertence. Consequentemente são proibidas atividades que questionem decisões tomadas pelo primeiro-ministro e suas atitudes (tanto em sua vida governamental quanto na empresarial), aqueles que se atrevem a desafiá-lo muitas vezes sofrem represálias. Já houve casos de jornalistas serem demitidos⁵³ por não se curvarem a soberba de seu governante e levarem ao ar matérias conflitantes a figura de "*il cavalieri*" como é conhecido Berlusconi na Itália, que sempre interpreta a personagem dona da verdade, a qual está além de qualquer contestação.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Dados do jornal "O Estado de S. Paulo", de 18/05/2001.

⁵² QUERINO, Ana Carolina. *op. cit.*, p. 23.

⁵³ Uma demissão que gerou polêmica foi a do jornalista Santoro que mantinha um programa de debates francamente crítico a Berlusconi. Atualmente, ele voltou a RAI onde comanda um programa em horário nobre sempre com a presença de políticos de diversas tendências, jornalistas e platéia que interage. Berlusconi continua sendo um dos assuntos "preferidos" das discussões.

Exemplo nítido de autoritarismo na mídia por parte de Berlusconi e de conflito de interesses é caracterizado adiante, quando a presidente da televisão pública italiana (RAI) Lucia Annunziata denuncia que

Silvio Berlusconi “está diretamente implicado” nas decisões da RAI, desde a escolha de jornalistas até à emissão ou não de certos programas [...] Segundo a presidente da RAI, Berlusconi telefona aos membros do conselho de administração para dar as suas sugestões, o que para Lucia Annunziata expõe “um conflito de interesses”, já que o chefe do governo é também proprietário do grupo Mediaset, e deste modo controla seis dos sete canais em sinal aberto da Itália.⁵⁴

Com todas essas evidências a democracia na Itália acaba por se tornar um regime democrático manchado, confundido claramente com um regime autoritário que tanto os italianos desprezam desde o período fascista enfrentado por eles, até mesmo havendo comparações entre Berlusconi e Mussolini. A verdade é que se havia dúvidas com relação aos conflitos de interesses públicos e privados por parte de seu governante, elas se concretizaram, atestando assim uma democracia moribunda que nunca foi pura, muito menos verdadeira.

Em um regime democrático controverso como o da Itália, não podíamos deixar de expressar a visão de outros países acerca da política desenvolvida por Berlusconi. A seguir abordaremos alguns temas de freqüente preocupação e discussão na imprensa internacional.

3.5 Berlusconi e a comunidade internacional

Silvio Berlusconi é personagem assíduo nos meios de comunicação estrangeiros, especialmente os europeus. Sua presença constante nos noticiários da

⁵⁴ PINTO, Manuel. Berlusconi intervém diretamente na RAI, denuncia a presidente, 2004. Disponível em: <<http://webjornal.blogspot.com/2004/02/berlusconi-intervm-directamente-na-rai.html>>. Acesso: 27 nov. 2006.

Europa é resultado de ações e atitudes consideradas no mínimo inapropriadas para um primeiro-ministro.

O maior medo da comunidade internacional é que o exemplo italiano de Berlusconi se estenda a outros países, fazendo com que haja uma crescente limitação da liberdade de expressão da mídia, já que uma única pessoa dominaria o setor de comunicações e definiria o que poderia ou não ser vinculado a sua programação.

Com isso, temos a crítica mundial voltada ao conflito de interesses na Itália, onde Berlusconi usa o poder e o marketing da mídia para ganhos políticos e financeiros pessoais. Como exemplo, vimos a perda significativa de mercado da RAI para seu concorrente, o grupo Mediaset (o que gerou enorme ganho pessoal a família Berlusconi).⁵⁵

São as operações de caráter no mínimo duvidoso que fazem com que o governo de Berlusconi seja taxado de autoritário e obscuro, exatamente pela falta de transparência. Sua associação política a Gianfranco Fini (ex-fascista) e Umberto Bossi (racista) contribuiu para aumentar a repugnância internacional em relação a ele.

Fora da Itália, Berlusconi recebe adjetivos como “charlatão de feira”, demagogo, populista, entre outros. Por inúmeras vezes, Berlusconi ocupou espaço na mídia devido a controvérsias com políticos de outras nacionalidades, onde divergências surgiram em grande parte por seu senso de humor de certa forma rude e ofensivo. Crises diplomáticas estremeceram as relações entre a Itália e nações como a Espanha, a Finlândia e a Alemanha.

No caso alemão a discussão se fundamentou em duras críticas feitas por Martin Schulz (membro da Parlamento Europeu) à política doméstica italiana. Berlusconi respondeu que conhecia um produtor na Itália que estava fazendo um filme sobre os

⁵⁵ Silvio Berlusconi. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Silvio_Berlusconi#Conflicts_of_interests>. Acesso: 03 dez. 2006.

campos de concentração nazistas, e que iria sugerir Schulz para o papel de supervisor de um dos campos, já que ele era perfeito para o papel.⁵⁶

Nos casos espanhol e finlandês os incidentes se deram por meio de gestos ou piadas dignas de reuniões adolescentes e não de primeiros-ministros, que representam o cargo de maior responsabilidade em uma nação. Para Berlusconi tudo não passou de brincadeiras.⁵⁷

Ele foi atacado ferozmente pela mídia internacional, mas com todo seu poder de manipulação as notícias vindas do exterior foram facilmente distorcidas. Berlusconi usa de sua personagem teatral para transformar as críticas pessoais a ele em insultos proferidos contra sua pátria, ou seja, à própria bandeira italiana.

Geralmente apenas o público mais informado tem acesso a informações oriundas da imprensa estrangeira, já o restante da população fica a mercê de idéias difundidas nos meios de comunicação controlados por Berlusconi, onde todos odeiam a Itália e o mundo inteiro tem inveja dele.⁵⁸

Fica então a esperança da mídia internacional que o governo “democrático” escolhido pelos italianos não sirva de modelo a outros povos, e que a Itália possa se organizar em um poder político menos autoritário, eliminando a repressão típica de figuras como Silvio Berlusconi (para satisfação da comunidade internacional, no segundo semestre de 2006 Romano Prodi assume o cargo que até então pertencia a “*il cavalier*”).

⁵⁶ Martin Schulz. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Martin_Schulz>. Acesso: 05 dez. 2006.

⁵⁷ And the award for Political Analyst of the Year goes to, 11/04/2006. Disponível em: <<http://lgfwatch.blogspot.com/2006/04/and-award-for-political-analyst-of.html>>. Acesso: 05 dez. 2006.

⁵⁸ TABUCCHI, Antonio. Eleições Itália 2001. Texto de Alexandra Prado Coelho. Disponível em: <<http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=140445&idCanal=647>>. Acesso: 04 dez. 2006.

CONCLUSÃO

Analisada a interdependência crescente entre os meios de comunicação e a política, não nos resta alternativa a não ser a de estudarmos com afinco o tema. A forma como a sociedade passa a ser manipulada pela mídia se torna merecedora de uma atenção toda especial, principalmente se for levada a sério a concentração de seu setor nas mãos de poucos empresários.

Considerando dois dos princípios norteadores da democracia (igualdade e visibilidade), a concentração de propriedade gera graves problemas. Um deles é o controle das informações por uma minoria centralizadora das fontes sociais de comunicação, que sufoca a liberdade de expressão, ou seja, as idéias contraditórias as suas. Outra briga são os conflitos de interesses, pois as vontades pessoais sobrepujam o bem geral da comunidade. É por isso que às vezes as democracias são confundidas com regimes totalitários, por terem políticas obscuras e suspeitas.

Juntamente com a aproximação entre a política e a mídia, ocorre o fenômeno da personalização, que promove uma inversão de conceitos tradicionais. Agora, a estética visual corporal dos políticos vale mais que o conteúdo intelectual dos mesmos.

O que vimos no regime democrático italiano conduzido por Silvio Berlusconi se caracteriza como uma farsa. Na verdade o que se viu foi um governo autoritário, em que seu líder gozava do monopólio dos meios de comunicação, e que chegou ao poder através de sua fortuna e sua imagem de empresário de sucesso.

O povo italiano elegeu Berlusconi como uma espécie de “gerente” dos seus interesses, mas se esqueceu que como homem de negócios ele possuía seus próprios interesses. O que se presenciou em seu período como primeiro-ministro foram

diversos conflitos de interesses, em que políticas públicas favoreceram suas empresas particulares.

Suas atitudes impulsivas muitas vezes não ganhavam a repercussão que deveriam graças ao controle exercido por ele de aproximadamente 90% dos veículos de informação, impedindo assim a visibilidade dos fatos. Existiam críticas de fontes de informações independentes localizadas no exterior, mas sem a força necessária para despertar uma nação hipnotizada por um senhor elegante, que representava bem a política do fazer acreditar que se possa fazer o que se diz.

Partindo das premissas anteriores, o governo onde os interesses privados de seu líder estão acima dos interesses públicos, a liberdade de expressão não é respeitada e as fontes de informações são limitadas não merece o título de democracia, mas sim o rótulo de autoritário.

Uma sugestão de pesquisa para um trabalho futuro seria o aprofundamento em tópicos como a concentração de propriedade e a opinião pública, analisando suas atitudes modeladoras da realidade, tanto nacional quanto internacional.

Fica aqui o prazer de haver trabalhado com um tema bastante atual e dinâmico, sendo que a grande dificuldade encontrada em seu desenvolvimento foi obter uma perspectiva mais íntima com relação aos fatos ocorridos na Itália, intimidade a qual seria melhor explorada com o domínio da língua italiana (isto faria com que estudássemos sua imprensa com maior ênfase e relevância).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Lúcia e CINTRA, Antônio Octávio (org.). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer Stiftung e São Paulo: UNESP, 2004.

BOBBIO, Norberto. *A teoria das formas de governo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

_____. *Entre duas Repúblicas – Às origens da democracia italiana*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

CARDOSO, Fernando Henrique. A Revitalização da Arte da Política. In: ZANETTI, Hermes (org.). *Democracia – a grande revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, pp. 15-30.

CARVALHO, Maria Izabel Valladão de. Crise ou falência: partidos políticos ontem e hoje. In: RUA, Maria das Graças e CARVALHO, Maria Izabel Valladão de; (orgs.). *O estudo da política: tópicos selecionados*. Brasília: Paralelo 15, 1998, pp. 105-122.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião. O novo jogo político*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DAHL, Robert A. *Sobre a democracia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: O mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993, pp. 224-248.

LAFIS – Pesquisa e Investimento em Ações na América Latina, *Carta Capital*, nº 116, 16/2/2000, pp. 68-71.

LIMA, Venício Artur de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe. *Política e mídia no Brasil: episódios da história recente*. Brasília: Plano, 2002.

_____. Um ponto cego nas teorias da democracia: os meios de comunicação. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, nº 49, pp.51-77, 1º semestre de 2000.

QUERINO, Ana Carolina. *Legislação de radiodifusão e democracia: uma perspectiva comparada*. Relatório final Pibic/UnB/ CNPq, julho de 2001 (mimeo).

ROSENFELD, Denis L. *O que é democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SARTORI, Giovanni. *Homo videns. Televisão e pós-pensamento*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Fontes de internet:

And the award for Political Analyst of the Year goes to, 11/04/2006. Disponível em: <<http://lgfwatch.blogspot.com/2006/04/and-award-for-political-analyst-of.html>>. Acesso: 05 dez. 2006.

Berlusconi Silvio. Disponível em: <<http://www.europaluxury.com/people/billionaire/berlusconi-silvio.html>>. Acesso: 18 nov. 2006.

CAMPOS, Mariana F. e VISACRO, Rogério. *Personalidades Atuais – Silvio Berlusconi*. Disponível em: <<http://www.forzaitalia.hpg.ig.com.br/>>. Acesso: 17 nov. 2006.

Centro de Investigación de Relaciones Internacionales y Desarrollo. Silvio Berlusconi. Disponível em: <http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias_lideres_politicos/europa/italia/silvio_berlusconi>. Acesso: 29/11/2006.

DIEHL, Paula. Teatro e comunicação política necessitam da força performática do corpo humano. Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (NEMP - UnB). Disponível em: <<http://www.unb.br/ceam/nemp/teatroepolitica.htm>>. Acesso: 29 nov. 2006.

FERNANDES, José Manuel. “Citizen” Berlusconi. Disponível em: <<http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=139840&idCanal=647>>. Acesso: 18 nov. 2006.

LEAL, Ubiratan. O escândalo que não poupou nem o Milan, 20/04/2006. Disponível em: <http://www.gardenal.org/balipodo/2006/04/o_escandalo_que_ao_poupou_nem.html>. Acesso: 30 nov. 2006.

Martin Schulz. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Martin_Schulz>. Acesso: 05 dez. 2006.

O Fascismo na Itália. *Almanaque Abril 2001*. CD-ROM. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/mundoantigo/fascismo/2.htm>>. Acesso: 15 nov. 2006.

O “show” televisivo de Berlusconi – líder da direita assina “contrato com os italianos”, 10/05/2001. Disponível em: <<http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=140520&idCanal=647>>. Acesso: 29 nov. 2006.

PINTO, Manuel. Berlusconi intervém diretamente na RAI, denuncia a presidente, 2004. Disponível em: <<http://webjornal.blogspot.com/2004/02/berlusconi-intervm-directamente-na-rai.html>>. Acesso: 27 nov. 2006.

Silvio Berlusconi. Disponível em:
<http://en.wikipedia.org/wiki/Silvio_Berlusconi#Conflicts_of_interests>. Acesso: 03 dez.
2006.

TABUCCHI, Antonio. Eleições Itália 2001. Texto de Alexandra Prado Coelho. Disponível
em: <<http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=140445&idCanal=647>>. Acesso: 04
dez. 2006.